

A fome na imprensa. Um estudo sobre critérios de noticiabilidade na Folha de S. Paulo¹

Luís Celestino de França Júnior²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

Vivenciada por milhões de pessoas no mundo e no Brasil, a fome é assunto de debates políticos e de pesquisas em diversas áreas, como economia, medicina, sociologia etc. Mesmo dada sua relevância no contexto da sociedade brasileira, são raros os estudos sobre a abordagem que a mídia faz sobre o tema. O presente artigo busca ajudar a ocupar essa lacuna propondo uma leitura sobre a cobertura noticiosa do jornal *Folha de S. Paulo* durante dez anos: de 1995 a 2004. Utilizando textos da área de teoria estruturalista e construcionista da notícia procura identificar os critérios de noticiabilidade da fome no período.

Palavras-chave

Fome; teoria da notícia; programa Fome Zero; seca

01. Introdução

Vivenciada por milhões de pessoas no mundo³ e no Brasil⁴, a fome é assunto de debates políticos e de pesquisas em diversas áreas, como economia (SEN, 2000), medicina, sociologia etc. Mesmo dada sua relevância no contexto da sociedade brasileira, são raros os estudos sobre a abordagem que a mídia faz sobre o tema.

O presente artigo busca ajudar a ocupar essa lacuna propondo uma leitura sobre a cobertura noticiosa do jornal *Folha de S. Paulo* durante dez anos: de 1995 a 2004. Este período engloba os dois mandatos do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) e os dois primeiros anos do governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-

¹ Trabalho apresentado ao NP Jornalismo, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Aluno do mestrado em Comunicação da UERJ, onde desenvolve dissertação sobre a fome na imprensa brasileira. Na mesma universidade faz parte do Grupo de pesquisa e estudos sobre jornalismo cultural. Foi repórter do jornal Diário do Nordeste.

³ A FAO, órgão da ONU responsável pelo combate à fome, estima em 852 milhões o número de pessoas com fome no mundo segundo relatório divulgado em março de 2006.

⁴ Pesquisas divergem sobre a quantidade de pessoas com fome no Brasil. Em maio de 2006, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) finalizou a totalização dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 2004 estimando em 13,9 milhões o número de pessoas com fome no país. Já a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou em julho de 2001 uma estimativa de 50 milhões de pessoas. Chegou a esse número utilizando o critério renda. Cinquenta milhões seria o número de pessoas no país que viviam, até 2001, com menos de R\$ 80 mensais, valor mínimo para a garantia de uma alimentação adequada segundo a ONU.

2004). Período este que, como se verificará ao longo do trabalho, foi o de maior visibilidade do problema da fome na imprensa brasileira por conta do programa Fome Zero.

O trabalho se inicia com uma revisão de algumas das teorias sobre a notícia, em especial aquelas que levam em consideração a importância do contexto social em que as notícias são produzidas, rechaçando a idéia de que o jornalismo meramente reproduz algo que lhe é exterior. Vale destacar que o uso da palavra “teoria” é adotado durante todo o trabalho no sentido de um conjunto de estudos sobre a notícia e outros gêneros jornalísticos, já que não se trata de um conjunto de princípios e proposições excludentes entre si. Essa ressalva é feita por Nelson Traquina:

“Ao longo de várias décadas, e depois de muitos estudos realizados sobre o jornalismo, é possível esboçar a existência de várias teorias que tentam responder à pergunta porque as notícias são como são, reconhecendo o fato de que a utilização do termo ‘teoria’ é discutível, porque pode também significar aqui somente uma explicação interessante e plausível, e não um conjunto elaborado e interligado de princípios e proposições. De notar, também, que estas teorias não se excluem mutuamente, ou seja, não são puras ou necessariamente independentes umas das outras (TRAQUINA, 2004, p. 146)”

Procurou-se encontrar um conceito adequado de fome, algo que tantas vezes é confundido com miséria ou pobreza. Para isso, entendendo a fome como um fenômeno social, utilizou-se os conceitos apresentados de forma pioneira por Josué de Castro ainda nos anos 40 de “fome endêmica” e “fome epidêmica”. Conceitos que, de forma recorrente, pontuam vários discursos sobre o problema até hoje.

Com o objetivo de identificar a dimensão do problema no Brasil no contexto em que as matérias fruto de análise são produzidas, são apresentados dados das duas principais pesquisas realizadas no país sobre o tema no período que engloba o recorte temporal do trabalho. No caso, a Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV), realizada entre os anos de 1996 e 1997, e a Pesquisa sobre Orçamentos Familiares, realizada entre os anos de 2002 e 2003. Ambas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No estudo propriamente dito sobre a fome na *Folha de S. Paulo* foi feito um levantamento quantitativo da cobertura. A esse estudo, segue uma leitura sobre o levantamento das matérias ao longo dos dez anos do recorte, em que se levou em

consideração primeiramente a identificação dos momentos de maior visibilidade da fome no jornal com a conseqüente delimitação de fases da cobertura

Dada a ausência de pesquisas sobre a fome na mídia, de antemão esse artigo reconhece poder ser um ponto de partida para outros trabalhos que venham ajudar a preencher a lacuna sobre abordagens da fome na mídia. Vale ressaltar que são apresentados aqui dados parciais de dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) que levou em consideração ainda dados do jornal cearense *O Povo* para uma análise comparativa, algo que, por questão de espaço não se encontra aqui.

02. Teoria estruturalista das notícias

A primeira das teorias que trata do contexto social influenciando a construção das notícias é a teoria estruturalista. Para essa teoria, os meios de comunicação não simplesmente relatam os acontecimentos “noticiáveis”. As notícias são produto de um processo “*que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas*” (HALL, 1993, p.224).

Diante do problema de selecionar entre os vários acontecimentos do dia-a-dia aqueles de interesse ao leitor, surge a questão dos *valores-notícia* que vão estruturar o processo do que pode vir a constituir uma notícia. O primeiro desses valores-notícias considerado primário ou fundamental é o da “singularidade” ou do “inesperado”. É conhecida a frase de Ammus Cunnings, ex-editor do New York Sun, segundo a qual “se um cachorro morde um homem não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia”. A frase indica a anormalidade e excepcionalidade como valor-notícia fundamental.

Mesmo reconhecendo a controvérsia dos dados sobre a fome no Brasil, trata-se de um fenômeno social cotidiano que, segundo o valor-notícia da anormalidade, não é noticiável. A singularidade não é a única lista desses valores, mas, para Hall, no jornalismo, acontecimentos perenes tendem a ter seus elementos extraordinários destacados para realçar sua notabilidade. É como se, no Brasil, a fome não merecesse notícia, mas algo que indicasse que ela não existe sim. Ironicamente foi o que praticamente aconteceu com a

divulgação da pesquisa do IBGE em 2004 apontando que a obesidade é um problema muito maior que a fome.

Como não basta o caráter da excepcionalidade para a seleção de notícias, permanece a necessidade de se encontrar critérios diante da grande quantidade de acontecimentos não considerados excepcionais. Hall considera que, a partir daí, há um aspecto menos óbvio no processo de construção da notícia que é a avaliação do que pode se tornar compreensível ao seu público. Os acontecimentos precisam ser identificados e inseridos num contexto social.

“Este processo – a identificação e a contextualização – é um dos mais importantes, através do qual os acontecimentos são ‘tornados significativos’ pelos media. Um acontecimento só ‘faz sentido’ se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais” (HALL, 1993, p. 226).

A grande quantidade de acontecimentos precisa passar por um processo de identificação, classificação e contextualização. Trata-se de um processo social já que os jornalistas precisam compreender a base do conhecimento cultural da sociedade. É como se fosse preciso levar em conta a “natureza consensual” da sociedade. *“Existimos como membros de uma sociedade porque – é suposto – partilhamos uma quantidade comum de conhecimentos culturais com os nossos semelhantes” (HALL, 1993, p. 226).*

Traquina considera que tanto Hall quanto os defensores da teoria estruturalista, devido ao seu alinhamento ao “marxismo”, precisam explicar como a mídia assegura a hegemonia e reprodução da ideologia dominante. E não o fazem defendendo que isso aconteça porque a mídia pertence a “capitalistas”. Isso aconteceria por dois fatores: estrutura da rotina de trabalho nas redações e influência das noções de “imparcialidade”, “equilíbrio” e “objetividade”.

Da necessidade cotidiana de “assuntos noticiáveis” surge a proximidade do jornalista com fontes regulares e os órgãos públicos são privilegiados nesse processo. Diante de pressões de tempo e problemas de “calendarização” de trabalho, os jornalistas se colocam de forma a ter acesso a instituições que geram atividades noticiáveis em intervalos regulares.

O segundo aspecto é que, diante da necessidade de uma cobertura “isenta”, “equilibrada” e “objetiva”, a mídia tende a procurar fontes “autorizadas” e “dignas de

crédito”. Assim, por exemplo, um “perito” seria alguém que por conta da sua atividade teria “autoridade” para tratar de um assunto de forma “neutra”.

A teoria estruturalista pode responder a crítica de Bonfim (2004) de que a maior parte do discurso sobre a fome na imprensa tem como “definidor primário” fontes “autorizadas”, notoriamente fontes oficiais, em detrimento, por exemplo, dos movimentos sociais ou mesmo de pessoas vítimas do problema. No entanto, um levantamento no banco de dados do jornal *Folha de S. Paulo* durante o ano de 1995 mostra que a maior parte das notícias sobre a fome se referia à “Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria”. Como explicar então que um movimento social de crítica às esferas de poder (municipal, estadual e federal) e mobilização da sociedade tenha ganho mais espaço que o discurso oficial sobre o tema? A teoria construcionista, outra teoria que leva em consideração o contexto social na construção das notícias, pode ajudar a responder essa questão.

03. Teoria construcionista

A teoria construcionista, que tem a socióloga norte-americana Gaye Tuchman como uma de suas expoentes, mesmo reconhecendo a importância do contexto social na elaboração das notícias e na definição dos critérios de noticiabilidade de um acontecimento, se baseia, sobretudo, em estudos sobre a comunidade jornalística e suas práticas. Diante do desafio de elaborar um produto todos os dias ou todas as semanas, os jornalistas e as empresas jornalísticas criam estratégias para cumprir essas “horas de fechamento” diárias ou semanais. Para os defensores da teoria, a aproximação entre jornalistas e fontes oficiais não é algo somente “ideológico”, mas resultado dessa necessidade “urgente” de informação.

Tanto para a teoria estruturalista quanto para a teoria construcionista, a ligação entre jornalistas e fontes oficiais faz “*das notícias uma ferramenta importante do governo e das autoridades estabelecidas*” (TRAQUINA, 2003, p.114) e as notícias tendem a apoiar as interpretações oficiais dos acontecimentos. A teoria construcionista, no entanto, mesmo reconhecendo a vantagem estratégica das fontes oficiais não a considera automática, mas conquistada.

Entre os fatores que interferem para que as fontes imponham seus enquadramentos aos acontecimentos e problemáticas na agenda dos jornalistas está o capital cultural, na

forma de legitimidade, autoridade e respeitabilidade (SCHLESINGER, 1993). Assim, um movimento como a Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria, comandado pelo sociólogo Herbert de Souza, usou sobretudo a respeitabilidade de seu “comandante” para conseguir “pautar” espaços na imprensa sobre a fome. Da mesma forma, em 2004, a pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostrando que o excesso de peso da população é um problema muito maior no país que a desnutrição, dada a autoridade e respeitabilidade institucional, conseguiu “pautar” a imprensa sobre o tema. No caso do IBGE, mesmo se tratando de um órgão oficial, o resultado de sua pesquisa não coincidiu com a idéia defendida pelo Governo Federal que tem como um de seus programas sociais mais importantes o Fome Zero.

04. Conceitos sobre a fome

Publicado originalmente em 1946, “Geografia da Fome”, de Josué de Castro, é o trabalho pioneiro sobre o tema no país. Médico pernambucano que mais tarde presidiria a *Food and Agriculture Organization* (FAO), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável pelo assunto; deputado federal pelo antigo PTB e embaixador do Brasil na ONU, cassado em 1964 com o golpe militar, Castro ressalta em sua obra que o tema passou a ser tratado de forma objetiva devido às milhões de vítimas da fome após as duas grandes guerras mundiais.

É nesse livro que são apresentados os conceitos de fome “epidêmica”, provocada por catástrofes ecológicas ou políticas, e fome “endêmica”, caracterizada por uma alimentação abaixo do necessário, mesmo que a população viva em locais onde os alimentos são produzidos normalmente.

Mais tarde, em texto publicado em 1967 em que analisa a influência da fome no comportamento humano, Castro defende a fome como “força social”.

“Nenhuma calamidade pode desagregar a personalidade humana tão profundamente e num sentido tão nocivo quanto a fome quando atinge os limites da verdadeira inanição. Excitados pela imperiosa necessidade de se alimentar, os instintos primários são despertados e o homem, como qualquer outro animal faminto, demonstra uma conduta mental que pode ser das mais desconcertantes” (CASTRO, 2003, p.79)

Faz-se necessária uma melhor definição do que vem a ser fome até pela confusão que muitas vezes acontece entre fome, miséria e desnutrição. Uma boa diferenciação é apresentada no texto de Monteiro (2003). Ele cita uma exemplificação para facilitar o entendimento do que seja a fome. Alguém pode ser pobre, sem necessariamente ser afetado pela fome, bastando que suas carências sejam outras, como moradia ou lazer. Já o contrário, alguém que sofra com a fome, mas não seja pobre é muito improvável, exceto em momentos como os de guerra ou de catástrofes naturais⁵.

05. A fome presente na *Folha*

O levantamento dos dados sobre a presença de notícias e reportagens sobre a fome na *Folha de S. Paulo* mostrou a seguinte presença tema no jornal paulistano. Mesmo considerando que em vários meses a fome não recebeu qualquer menção em textos noticiosos, pode-se dizer que a fome é quase um assunto quase constante no jornal.

Mês/ano	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Janeiro	5	1	0	0	1	0	0	1	20	4
Fevereiro	6	6	0	0	2	1	1	2	12	1
Março	1	0	0	0	0	1	1	3	19	2
Abril	2	0	0	7	0	2	0	4	9	4
Mai	4	0	0	26	0	0	1	2	8	2
Junho	4	0	0	5	0	1	2	3	4	1
Julho	4	2	0	4	1	1	3	2	2	1
Agosto	5	0	0	5	4	0	2	0	2	0
Setembro	15	0	0	5	4	0	2	0	2	0

⁵ Durante o período proposto por este trabalho, década de 90 e início do século atual, dois levantamentos estatísticos foram realizadas sobre o tema pelo IBGE: a Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV), entre os anos de 1996/1997, e a Pesquisa sobre Orçamentos Familiares (POF), entre os anos de 2002/2003. Ambas estão disponíveis no sítio do IBGE (www.ibge.gov.br) e a mais recente apresentou dados mostrando que o país tem uma quantidade maior de pessoas obesas em comparação com pessoas que passam fome. Os dados variam entre cada região, mas mostram que a fome é um problema concentrado nas regiões do semi-árido nordestino.

Outubro	16	3	5	2	6	0	3	4	13	1
Novembro	11	14	6	2	3	2	1	11	5	0
Dezembro	6	11	7	3	2	3	6	5	7	5
Total	79	37	18	59	24	11	22	38	110	28

Feito este levantamento, faz-se necessário o estabelecimento de um roteiro de leitura. Assim, o trabalho procurou identificar quando a fome se torna um assunto noticiável; valores-notícia predominantes; fases da cobertura e momentos de maior visibilidade.

5.1. Fases da cobertura na *Folha*

O levantamento dos dados do jornal *Folha de S. Paulo* mostra que houve pelo menos três momentos em que a fome alcançou maior destaque. Uma primeira fase, entre os 1995 e 1997, quando com a proximidade do final do ano aumentou o número de matérias. Algo que aconteceu devido à campanha Ação da Cidadania contra a Fome. Em 1997, por exemplo, entre janeiro e setembro não há uma matéria sequer sobre a fome. Mas 18 matérias se concentram nos 3 meses finais daquele ano.

Esta primeira fase destoa das demais pelo fato de não ser motivada por fontes oficiais mas por um movimento da sociedade civil. No seu estudo etnoconstrucionista sobre as notícias, Gaye Tuchmann (*in* TRAQUINA, 1993) afirma que entender a rotinização do trabalho jornalístico é algo importante num estudo sobre construção de notícias. No estudo sobre a cobertura da mídia norte-americana sobre o movimento feminista, Tuchmann constatou que as ações do movimento não conseguiam ser notícia não por diferenças ideológicas entre as empresas e o movimento, mas por uma desconexão do movimento e horários de fechamento dos jornais, construção de relações entre fontes e jornalistas etc. O movimento Ação da Cidadania contra Fome conseguiu articular ações de visibilidade ao mesmo tempo que tinha um porta-voz de destaque presente em várias notícias e reportagens: o sociólogo Herbert de Souza.

A professora do Departamento de Relações Públicas e Propaganda da USP, Margarida Kunsch, no artigo “Sociedade Civil e Mídia” chama atenção para o fato de a

partir dos anos 80, no Brasil, os movimentos sociais começaram a investir na comunicação como algo estratégico na sua atuação. Isso consolidou o fato de várias Organizações Não-Governamentais (ONGs) terem, quase sempre, um assessor de imprensa. Ela cita justamente o movimento Ação da Cidadania como um dos que conseguiu êxito justamente pela boa relação que manteve com os meios de comunicação.

A segunda fase da cobertura se concentra no ano de 1998. A seca foi uma das grandes responsáveis pelo aumento da cobertura, mas não foi a única. Praticamente em todas as ações de saque, era destacada a participação do Movimento dos Sem Terra (MST) e da Central Única dos Trabalhadores (CUT), como no dia 15 de maio quando trouxe na primeira página: “CUT e MST comandam cerco a 3 supermercados”. Mesmo que a fome fosse a justificativa dada pelos “saqueadores”, era sempre destacado o fato de eles pertencerem ao MST e à CUT.

A última fase relevante da cobertura se concentra no ano de 2003: o lançamento e o acompanhamento do programa Fome Zero. Ocorre, no entanto, uma queda substancial da cobertura de 2003 para 2004 (de 110 notícias e reportagens para 28).

Em dezembro de 2004, não foi a fome que mereceu destaque, mas a ausência dela. A polêmica começou no dia 17 com manchete de capa: “40,6% dos brasileiros estão acima do peso”. A divulgação da pesquisa do IBGE, tratada anteriormente, mereceu destaque pelos dados inesperados: a obesidade no Brasil é um problema muito maior que a desnutrição.

O levantamento de dados empíricos na *Folha de S. Paulo* mostra algo interessante: as notícias sobre a fome tem quase sempre o Nordeste como cenário principal. Algo construído socialmente ou um espelho da realidade?

5.2. Fome: um problema nordestino ou brasileiro?

No ano de 1995, quando foram publicadas 79 notícias e reportagens sobre o tema não há uma distinção clara sobre o local onde o problema se concentra. Como a maioria das matérias se refere às ações da campanha, que se concentram no Rio de Janeiro e em São Paulo, não há uma menção ao Nordeste como local que o problema é mais grave.

Mas, nos demais anos, tanto pela quantidade de matérias como pela forma como elas são apresentadas, a região Nordeste aparece como o principal local no Brasil onde o

problema se concentra. Exemplo emblemático de como o Nordeste é “tratado” nas notícias sobre a fome é a notícia do dia 29 de abril de 1998: “Seca faz Nordeste decretar calamidade pública”. Mas quando se lê logo o primeiro parágrafo, vê-se que a notícia se refere na verdade a uma única cidade da Paraíba: “O prefeito interino de Campina Grande, Lindaci Medeiros (PMDB), decretou anteontem estado de calamidade pública no município por causa da seca”. O uso da sinédoque (tomada do todo pela parte) é algo usado reiterada vezes. Mainguenu (2004) ressalta que o texto impresso dirigido para um grande número de leitores tem que prever o tipo de competência que dispõe seu destinatário. O leitor da *Folha* não tem a obrigação de ter um saber enciclopédico geográfico para saber onde se localizam vários municípios do Nordeste brasileiro. Mas o uso excessivo da sinédoque pode acabar configurando algo apressado e infundado.

Ora, sendo o Nordeste a região onde há seca e onde os saques se concentravam, como não seria sobre lá que a fome seria noticiada? A questão é que a fome não é notícia como um problema urbano das grandes cidades. Não há notícias sobre fome em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Manaus, por exemplo.

A Ação da Cidadania contra a Fome se concentrou nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, em 1995, e depois deste ano não há mais notícias sobre fome nesses dois estados quase como se fosse certo dizer que ela acabou e se tornou realmente um problema das áreas rurais do Nordeste brasileiro. Esta é exatamente a conclusão do estudo do IBGE divulgado em 2004. Pode-se dizer, portanto, que uma leitura sobre os dados da cobertura da *Folha de S. Paulo* coincide com a conclusão do estudo do IBGE. Não está se afirmando aqui, no entanto, que a fome realmente acabou no resto do Brasil e a *Folha* apenas reproduz esta “realidade”. Mas, entre vários problemas urbanos que a *Folha* apresenta em suas notícias (desemprego, falta de moradia, violência etc) a fome não aparece.

5.3. Ação contra a Fome, seca e Fome Zero

A maior parte das notícias sobre a campanha Ação da Cidadania contra a Fome era de divulgação de ações tentando envolver o leitor para caminhadas, compra de camisetas e outros materiais da campanha, além de doações de alimentos e mesmo de dinheiro. A *Folha* se engajou na campanha e isso explica a quantidade de notícias e reportagens a partir de setembro de 1995.

Chama a atenção nos títulos desse período um vocabulário bélico. A começar pelo termo “campanha”, algo que como afirmou Bonfim (2004) designa uma luta temporária. Não é algo que se faça de forma permanente, mas só durante um período determinado de tempo. De fato, as notícias se concentram no período de setembro a dezembro, no ano de 1995, e de outubro a dezembro, em 1996 e 1997. Fora do período de campanha as notícias sobre o tema praticamente desaparecem. No ano de 1997, por exemplo, de janeiro a setembro não houve notícia sobre o tema.

Se durante fase anterior da cobertura (1995-1997), a campanha Ação da Cidadania contra a Fome foi responsável pela grande visibilidade do problema, sobretudo no ano de 1995, a seca foi a principal responsável pela presença da fome na *Folha de S. Paulo* em 1998. Outro fator que trouxe o tema à tona foi o ano eleitoral e a proposta de Fernando Henrique Cardoso de “eliminá-la”.

Foi a seca e os saques motivados por ela os principais responsáveis pelas matérias desse período. A *Folha* ressaltava com frequência, no entanto, o fato de os saques serem realizados pelo Movimento dos Sem-Terra.

Enquanto o discurso dos diretores do movimento era de que os saques eram motivados pela fome, na *Folha* há uma “desqualificação” desse argumento. Os saques eram uma atitude política simbólica de protesto contra o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Isso fica explícito no título da reportagem do dia 1 de agosto: “MST faz saque em protesto contra FHC”.

Vários exemplos de notícias nesse sentido aparecem nesse período. No mês de maio de 1998, foram 26 notícias e reportagens sobre fome. Todas tendo a seca como responsável pelo problema. Dessas, 18 se referiam, já nos títulos, a saques e sete delas ao MST. O valor-notícia que prevalece é o “rompimento da ordem” representado pelo saque. Não se pode dizer que há uma “condenação” do saque nas notícias e reportagens da *Folha*, mas é a mudança na normalidade que o saque representa que torna o tema noticiável.

Pode-se argumentar que a fome não é notícia nesses casos e sim os saques. A fome é sempre o argumento que motiva esse rompimento da “normalidade” e acaba sendo apresentada como algo “natural” já que causada pela seca, “um evento da natureza” como um castigo religioso. Para mostrar como é recorrente a relação de seqüência seca-fome-saque, seguem quatro leads com essa seqüência:

“O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) protestou ontem contra o presidente Fernando Henrique Cardoso realizando mais um saque em Pernambuco _o sexto nesta semana. Para o coordenador estadual do MST, Jaime Amorim, o saque, “além de servir para matar a fome dos trabalhadores”, seria também “uma forma de mostrar a insatisfação do povo contra a fome e o desemprego”. Carlos Silva Brasileiro, outro dirigente do MST, disse que os 76 acampamentos do movimento em Pernambuco não recebem cesta básica do governo federal e, por isso, “cada saque é também um protesto”. (1/8/1998);

“Mulheres e crianças com fome promoveram três pequenos saques nos últimos dois dias em Parnamirim (573 km a oeste de Recife), o que forçou a transferência dos alimentos para a sede do pelotão da Polícia Militar no município. O grupo de 200 pessoas arrombou por duas vezes a porta do depósito da prefeitura e uma vez a Ceasa (Centro Estadual de Abastecimento S/A), mas a polícia evitou o saque total. Eles conseguiram levar pouco mais de 250 quilos de alimentos”. (30/5/1998);

“O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) realizou ontem o terceiro saque em Pernambuco nos últimos dois dias. Foram levados 12 toneladas de alimentos enlatados de um caminhão que foi interceptado na BR-101, em Gameleira (92 km de Recife). “Saqueamos para matar a fome, mas o ato foi também um protesto contra a venda da Telebrás”, disse Carlos da Silva Brasileiro, 24, um dos líderes do MST em Pernambuco”. (30/7/1998);

“O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) decidiu realizar um dia de saques em Pernambuco e anunciou a possibilidade de deflagrar até 30 ações simultâneas na Zona da Mata, agreste e sertão do Estado. Segundo o movimento, as ações envolveriam, além dos sem-terra, moradores da periferia das cidades, formada em grande parte por lavradores que migraram do campo por falta de trabalho. “Vai começar tudo de novo”, avisou ontem o líder do MST em Pernambuco, Jaime Amorim. “Ninguém vai passar fome novamente nos acampamentos”, disse ele à Agência Folha”. (25/9/1998);

O verbo que aparece associado à fome em dois desses exemplos é o verbo “matar”. Algo que pode ser visto novamente como recorrência a um termo bélico, a expressão “matar a fome” é, de certa forma, já introjetada de forma natural no vocabulário sobre o

tema. Objetivo final do “combate” e da “luta” diante do “inimigo”. Assim, completa-se a seqüência de estrutura de boa parte das notícias daquela época. Começam com a seca (evento da natureza) causadora, ou seja, responsável pela fome cujas ações para “matá-la” são os saques (rompimento da normalidade) e as doações, como a distribuição de cestas básicas em programas governamentais ou o apelo à “solidariedade cristã” (manutenção da ordem).

Já a grande quantidade de notícias sobre o programa Fome Zero merece por si só abordagem num único trabalho, onde devesse se levar em consideração também os textos opinativos. Foi o período, no levantamento de dez anos, que a fome ocupou mais espaço na imprensa.

Várias vezes ao longo do ano, o Presidente Lula e vários integrantes do Governo se pronunciaram sobre a fome. Ela era então notícia ou quem era notícia, na verdade, era o Presidente Lula? Ora, é óbvio que se Lula não se pronunciasse sobre o problema, com a intenção de “propagandear” o programa Fome Zero, a fome não alcançaria o espaço que obteve. Mas, na medida em que ele fala sobre o problema acaba agendando a imprensa para uma cobertura sobre o tema.

Em 2004, depois da grande visibilidade sobre o tema, a fome deixa de ter tanto destaque (foram 110 em 2003 e 28 em todo o ano de 2004). Pode haver duas explicações. A primeira a de que a ineficácia do programa Fome Zero tenha esvaziado o interesse do jornal sobre o tema. Ora, se o programa foi ineficaz, a quantidade de pessoas com fome no país permaneceu alta o que sugeriria que o interesse público, uma das características da notícia, exigiria uma cobertura mais presente.

A explicação que parece mais plausível e não menos polêmica é que o desinteresse do jornal partiu de uma atitude do próprio Governo. Em 2004, o Governo optou por unificar todos os programas sociais de transferência de renda em um único: o Bolsa-Família. Como a cobertura da fome se pautou, na verdade, pelas ações do Governo e os pronunciamentos do Presidente Lula, quando as atenções destes se voltaram para a defesa e propaganda do Bolsa-Família, a imprensa, e, no caso estudado, a *Folha de S. Paulo* (e mesmo o jornal *O Povo* e, talvez, toda a imprensa brasileira) “esqueceram” a fome, ou melhor, o Fome Zero. Dado que vem corroborar isso é o de que entre os meses de outubro e novembro de 2003 houve um decréscimo de 13 para 5 matérias. O programa Bolsa-

Família foi lançado justamente no mês de outubro o que ajuda a mostrar que a cobertura deu ênfase maior ao programa social do governo (ações como visita de ministros, declarações do Presidente, transferência de renda, distribuição de cestas).

6. Considerações finais

Mesmo tendo sido feito um levantamento quantitativo sobre os dez anos de cobertura noticiosa nos dois jornais, outras leituras sobre esse mesmo período são possíveis. Um levantamento sobre os textos opinativos, como artigos e editoriais, completaria o estudo sobre a presença da fome na mídia. O autor do trabalho, durante a pesquisa do material, mesmo não tendo relatado neste espaço – algo que fugiria à proposta original – percebeu que se travou em momentos distintos um debate de opiniões através de artigos.

O que também ajudou a tornar os jornais parecidos foi o fato de ter prevalecido uma cobertura episódica. No ano de 2003, a cobertura sobre o programa Fome Zero foi muito mais sobre os “passos” e pronunciamentos do Presidente Lula. Tanto que quando o Governo Federal decidiu unificar seus programas sociais no Bolsa-Família em outubro de 2003, a quantidade de notícias sobre a fome, no caso sobre o Fome Zero, diminuiu acintosamente.

O trabalho reconhece suas limitações. Só o programa Fome Zero merece, por si só, um estudo detalhado sobre sua dimensão na mídia. Da mesma forma, o fenômeno da seca no Nordeste também merece um estudo exclusivo, assim como suas intervenções para resolvê-la como as propostas de transposição de bacias hidrográficas e a “eterna” distribuição de cestas básicas e abertura de frentes de serviço que tanto perpetuam a situação de miséria e exploração política da região. Além do mais, apesar de dados referentes a dez anos de jornal, trabalho se resumiu à leitura de apenas um jornal.

A pesquisa não se conclui neste artigo e acredita contribuir para novos olhares sobre o tema, esperando aprofundamento em textos posteriores a partir da interlocução com outras pesquisas, bem como buscando inspirar outros pesquisadores que se interessem pelo tema.

7. Bibliografia

BONFIM, João Bosco Bezerra. *As políticas públicas sobre a fome no Brasil*. Brasília, Consultoria Legislativa do Senado Federal, 2004.

HALL, Stuart. “A produção social das notícias” in TRAQUINA, Nelson (org.) *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa, Veja, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, Cortez, 2004.

MONTEIRO, Carlos Augusto. *A dimensão da pobreza, da desnutrição e da fome no Brasil*. São Paulo, Estudos Avançados USP, 2003.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo Companhia das Letras, 2000.

SCHLESINGER, Philip. “Os jornalistas e sua máquina do tempo” in TRAQUINA, Nelson. (org.) *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa, Veja, 1993.

TRAQUINA, Nelson. (org.) *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa, Veja, 1993.

_____. *Teorias do Jornalismo*. Florianópolis, Insular, 2004.